



HUMANIDADES, CULTURA E ARTE

GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2019



HUMANIDADES, CULTURA E ARTE

GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H918	Humanidades, cultura e arte [recurso eletrônico] / Organizadora Giovanna Adriana Tavares Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-753-6 DOI 10.22533/at.ed.536191111 1. Artes. 2. Cultura. 3. Humanidades. I. Gomes, Giovanna Adriana Tavares. CDD 909
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Trata-se da coletânea de artigos com temáticas diversas envolvendo pesquisas de extrema importância para as humanidades, cultura e arte. Destaque para os seguintes conteúdos como: Educação, violência, ensino, música, dança, cinema, resistência, performances, espetáculos, teatro, poesia, imagens, desenhos, arte contemporânea entre outros títulos. Sem dúvida uma obra “plural” com textos de escritas primorosas e muita criticidade. A proposta do E-book vai ao encontro de reflexões fundamentais para o “tempo” que estamos vivendo. O discurso social se faz presente na percepção dos valores atribuídos nos textos, quando influenciados pela afetividade e experiências de seus autores. Ressalta os espaços louvados, e determina uma característica tipofilica da relação dos indivíduos com o meio. A sociedade contemporânea é marcada pela pluralidade e pela diversidade, que se funde em produções culturais híbridas. A partir desse entendimento, é preciso então considerar que todos os aspectos do indivíduo em sua relação com o ambiente, com a sociedade e consigo mesmo, serão mediados por elementos simbólicos, sejam no âmbito da reflexão ou da ação, do pensamento e do sistema de crenças ou do comportamento e das atitudes ou da cultura. Nesse sentido, pensar a apropriação que uma dada sociedade faz de um determinado ambiente é pensar, além dos elementos concretos dessa apropriação, pensar, sobretudo, os elementos simbólicos e subjetivos que justificaram, ou que motivaram aquela apropriação, em sua forma e função.

Giovanna Adriana Tavares Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“A VIDA PELA FLOR” COMO FORMA DE ESTUDO NA CLARINETA: ASPECTOS TÉCNICOS E COMPARATIVOS AO MÉTODO KLOSÉ	
Daniel Souza de Araujo Johnson Joanesburg Anchieta Machado	
DOI 10.22533/at.ed.5361911111	
CAPÍTULO 2	10
A ARTE DA XILOGRAVURA PORTUGUESA NO SÉCULO XVI: REFLEXOS NO <i>AUTO DE INÊS PEREIRA</i> (1523), DE GIL VICENTE (C. 1465-1537)	
Denise Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.5361911112	
CAPÍTULO 3	23
A MONTAGEM DE “A HISTÓRIA DO SOLDADO”, DE IGOR STRAVINSKY, EM GOIÂNIA/GO: A RELAÇÃO ENTRE MÚSICA, ENCENAÇÃO E MITO NA CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO	
Saulo Germano Sales Dallago	
DOI 10.22533/at.ed.5361911113	
CAPÍTULO 4	33
A PROFISSIONALIZAÇÃO DO EDUCADOR NO ENSINO DE MÚSICA	
Eliane Hilario da Silva Martinoff	
DOI 10.22533/at.ed.5361911114	
CAPÍTULO 5	45
AGRESSIVIDADE E VIOLÊNCIA COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO: A COREOGRAFIA SOCIAL DO FEMININO ENTRE NÓS	
Beatriz Torres Lorangeira	
DOI 10.22533/at.ed.5361911115	
CAPÍTULO 6	55
AS IMAGENS DA HISTÉRIA PELA ÓTICA DE GEORGES DIDI-HUBERMAN E A SOBREVIVÊNCIA DA IMAGEM GROTESCA NO TEATRO	
Melize Deblandina Zanoni	
DOI 10.22533/at.ed.5361911116	
CAPÍTULO 7	67
CORAL CÊNICO DO CAMPUS DO MUCURI	
Danilo Pereira Bispo Sharon Doty da Cruz Soares Maria Clara Costa Ramos Marcela Costa Souza Veiga Wandouglas Gonçalves Batista André Luiz Nascimento Dias Vanessa Juliana da Silva Valéria Cristina da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5361911117	

CAPÍTULO 8	76
DESENHO DEPOIS DO DESENHO: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DO DESENHO NA ARTE CONTEMPORÂNEA E SEU ENSINO	
Italo Bruno Alves	
DOI 10.22533/at.ed.5361911118	
CAPÍTULO 9	83
DIÁRIOS: ESCRITAS DE SI COMO REFERÊNCIA DE IDENTIDADE	
Adriana de Oliveira Tavira	
DOI 10.22533/at.ed.5361911119	
CAPÍTULO 10	94
DO ENSINAR E DO APRENDER TEATRO NA SALA DE AULA: CRIANDO E IMPROVISANDO NO COLÉGIO ESTADUAL ODORICO TAVARES	
Ana Lucia Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.5361911110	
CAPÍTULO 11	118
FOTOGRAFIA EM CAMPO EXPANDIDO - A PALAVRA COMO PARTE DA MATERIALIDADE DA OBRA	
Mari Gemma De La Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.5361911111	
CAPÍTULO 12	129
MOTIVAÇÃO: UM RETRATO DO PERFIL DOS ALUNOS DO BALÉ POPULAR DO TOCANTINS	
Giorgya Lima Justy de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.5361911112	
CAPÍTULO 13	135
MUDANÇAS NA RELAÇÃO ENTRE RAZÕES MATEMÁTICAS E INTERVALOS MUSICAIS: ASPECTOS HISTÓRICO/CULTURAIS	
Oscar João Abdounur	
DOI 10.22533/at.ed.5361911113	
CAPÍTULO 14	147
NO HORIZONTE DA PALAVRA: A POÉTICA DE VIRGÍLIO DE LEMOS	
Camila de Toledo Piza Costa Machado	
DOI 10.22533/at.ed.5361911114	
CAPÍTULO 15	153
O ENSINO DA MÚSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELÉM COMO ELEMENTO QUE EMERGE DA CULTURA	
Raquel dos Anjos Veiga	
DOI 10.22533/at.ed.5361911115	

CAPÍTULO 16	165
O ESPAÇO CULTURAL GOIANDIRA DO COUTO NA PERSPECTIVA DE USO COMO EMPREENHIMENTO TURÍSTICO PARTICULAR	
Washington Fernando de Souza Giovanna Adriana Tavares Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.53619111116	
CAPÍTULO 17	178
O PALCO E SEUS PROBLEMAS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA PARA DIMINUIR A ANSIEDADE PRÉ-PERFORMANCE E AUXILIAR NO ESTUDO DE UMA OBRA MUSICAL	
Daniel Souza de Araujo Francisco Vanderlei Alves dos Santos Ana Clara Vieira Amaral Brenno Menezes Faleiro	
DOI 10.22533/at.ed.53619111117	
CAPÍTULO 18	190
OS ESPETÁCULOS LÍRICOS E A CONSTRUÇÃO DO GOSTO MUSICAL DAS ELITES DE SÃO LUÍS DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
João Costa Gouveia Neto Alexandre Guida Navarro Cesar Augusto Castro	
DOI 10.22533/at.ed.53619111118	
CAPÍTULO 19	199
PARA ALÉM DO SAMBA DA LEGITIMIDADE: SAMBISTAS FORA DO COMPASSO DO “ESTADO NOVO”	
Adalberto Paranhos	
DOI 10.22533/at.ed.53619111119	
CAPÍTULO 20	214
QUESTÕES RELATIVAS À PRESERVAÇÃO DOS MÉTODOS CONSTRUTIVOS UTILIZADOS PELO ARTISTA ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO	
Vanessa Magalhães Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.53619111120	
CAPÍTULO 21	223
RECURSOS TÉCNICOS E EXPRESSIVOS DA <i>ÉCOLE DE GARCÍA</i> NA PERFORMANCE VOCAL MODERNA	
Luiz Henrique Ramos Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.53619111121	
CAPÍTULO 22	236
REVISITANDO OS LUGARES DA MEMÓRIA, DA HISTÓRIA, DO ESQUECIMENTO: RICOUER, UM CLÁSSICO DA HISTORIOGRAFIA CONTEMPORÂNEA	
Izaias Euzébio Amâncio	
DOI 10.22533/at.ed.53619111122	

CAPÍTULO 23	244
TRANSBORDAMENTO DO CORPO SEGUNDO O FILME HANAMI – CEREJEIRAS EM FLOR	
Andréia Hiromi Toma	
DOI 10.22533/at.ed.53619111123	
CAPÍTULO 24	256
UM ESTUDO DA COMUNICAÇÃO NA <i>PERFORMANCE</i> MUSICAL, AS INTERAÇÕES ENTRE OS PARTICIPANTES	
Cláudia de Araújo Marques	
Vitor Barbosa Finco	
Thamyres Alves do Nascimento Finco	
DOI 10.22533/at.ed.53619111124	
CAPÍTULO 25	267
VINTE E CINCO PEÇAS DE JOSÉ URSICINO DA SILVA (MAESTRO DUDA) TRANSCRITAS E ADAPTADAS PARA TROMBONE SOLO E PIANO	
Daniel Victor Silva de Freitas Lima	
DOI 10.22533/at.ed.53619111125	
SOBRE A ORGANIZADORA	279
ÍNDICE REMISSIVO	280

O ENSINO DA MÚSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BELÉM COMO ELEMENTO QUE EMERGE DA CULTURA

Raquel dos Anjos Veiga
(UFPA, Belém, Brasil)

RESUMO: Este artigo consiste em recorte de pesquisa em andamento. Por meio dele, proponho uma reflexão inicial sobre o ensino da música na Rede Municipal de Ensino de Belém (PA) como elemento que emerge da cultura, a partir da concepção de Ciclos de Formação contida em suas Diretrizes Curriculares, por meio de abordagem teórica e metodológica da Pedagogia de Projetos e do Tema Gerador, dialogando especialmente com teóricos da educação, da estética e da etnomusicologia. Os resultados desta pesquisa panorâmica - o que inclui as reflexões aqui iniciadas - deverão contribuir para o incremento da inserção do ensino da música na Rede de Ensino Municipal de Belém (PA).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino Escolar de Música - Cultura – Metodologias.

THE TEACHING OF MUSIC IN THE MUNICIPAL SCHOOL SYSTEM OF BELÉM AS AN EMERGING ELEMENT OF CULTURE

ABSTRACT: This article consists of Part of an ongoing research. Through that, I propose an initial reflection on the teaching of music in the Municipal Education Network of Belém (PA) as

an element that emerges from the culture, from the Cycles of Formation design contained in their curriculum guidelines, through theoretical approach and methodological Pedagogy of Projects and Generator Tema, dialogue especially with theoretical education and ethnomusicology. The results of the research panoramic includes the reflections initiated here - should help to increase the insertion of music education in the Municipal Education Network of Belém (PA).

KEYWORDS: School Music Education – Culture – Methodologies.

1 | INTRODUÇÃO

O ensino da música na Rede Municipal de Ensino de Belém (PA) - RMEB, já se apresenta com visibilidade e reconhecimento nas salas de aula, nos auditórios e em outros espaços das escolas desta rede de ensino, em decorrência de um processo de iniciativa dos Professores de Artes, Gestores e Conselhos Escolares, como também, da conquista local da área de conhecimento Artes/Música através de espaços com parcerias institucionais nos entornos e, em uma quantidade expressiva das escolas, a efetivação dos recursos dos programas federais- MEC/FNDE/PDDE gerenciados pelas escolas, tendo na Secretaria Municipal de

Ensino, a interlocução, mediação e supervisão dos projetos e ações.

O cumprimento da Lei 11.769/2008, que consiste na obrigatoriedade do componente curricular música nas escolas de educação básica em todo território nacional, vem sendo progressivo, através de ações implementadas na formação continuada dos professores de Arte para a inserção e construção desta linguagem no cotidiano escolar, nos Projetos Políticos Pedagógicos e nas Diretrizes Curriculares desta Rede de ensino.

Por meio dos Programas Federais do Ministério da Educação, tais como: PDDE/ PDE/ Mais Educação/ Escola Aberta e Mais Cultura, o ensino da música nas escolas da RMEB tem sido favorecido com recursos para aquisição de materiais, instrumentos musicais, equipamentos, adequação de espaços físicos e contratação de monitores para as oficinas de música, como também a viabilidade da prática musical é estabelecida através de projetos das escolas, contemplando o professor de Arte, com a formação em música, lotado na escola, a partir do seu interesse para os desdobramentos das práticas musicais.

Entretanto, há de ser ressaltado que carga horária para o professor lotado nas escolas para o desenvolvimento de práticas artísticas, como projeto de extensão, ainda não é apresentado como uma política afirmativa nesta Secretaria de Educação.

Outra circunstância favorável ao processo de inserção e construção do ensino da música e suas práticas nas escolas da RMEB diz respeito à entrada significativa de profissionais de Arte, da linguagem musical nesta rede de ensino, no mais recente concurso promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Belém (PA) – SEMEC.

Esta é a realidade que venho pesquisando, por meio de estudo de fôlego que tem o objetivo de investigar a inserção do conteúdo música na RMEB. Destaco neste artigo que por meio de pesquisa panorâmica pretendo analisar a percepção do professor de Arte sobre as orientações metodológicas da SEMEC, através das Diretrizes Curriculares desta rede, da agenda de formação continuada e em serviço aos professores e, em relação às suas próprias escolhas metodológicas de ensino da Música.

Nesta etapa, a pesquisa desenvolvida através dos caminhos metodológicos da história oral, na busca destas respostas que, enquanto professora, artista e técnica me instigam a procurar e onde Alberti (2011) ressalta;

Juntar fatos que deverão ter dimensão social, virar registros, merece atenção e tudo corrobora para a busca de um bom resultado: postura, entonação de voz, tratamento verbal. É na entrevista que o pesquisador encontra o “outro”, sujeito de sua história retraçada com lógica própria e submetida às circunstâncias do tempo da entrevista (ALBERTI 2011, p.22).

O passo inicial se deu na escuta de assessores técnicos que participaram da elaboração e da implantação do Sistema de Ensino em Ciclos de Formação e das orientações metodológicas da SEMEC – Belém (PA) que apontavam para a concepção

de educação pública pretendida, buscando a aproximação e apropriação por parte da RMEB desta concepção de ensino.

Foram utilizadas para pesquisa, fontes bibliográficas que apresentam esta história de implantação; a fim de entender tais orientações nas suas dimensões e amplitudes, para então, em continuidade, abranger os depoimentos de professores de Arte/ Música na forma de questionários que apontem para as formas metodológicas de transmissão dos conteúdos artísticos musicais e nas outras linguagens artísticas; a compreensão política e afirmativa do programa de formação na RMEB e, a apropriação da prática interdisciplinar em sua atuação.

E, diante da peculiaridade desta pesquisa, a metodologia e ou concepção de recontar tempos históricos e dar voz protagonista, vislumbra a possibilidade de;

A História Oral é a sistematização dos processos organizados pela lógica proposta no projeto inicial. Entende-se por projeto o plano capaz de articular argumentos operacionais de ações desdobradas de planejamentos de pesquisas prévias sobre algum grupo social que tem algo a dizer (ALBERTI 2011, p.13).

O roteiro das entrevistas dos técnicos da equipe de ensino da RMEB caminhou na abordagem dialógica, proporcionando a cada uma das pessoas envolvidas relatarem a experiência de implantação do sistema em ciclo na Rede Municipal de ensino de Belém, concepção filosófica e política a partir de seus olhares e percepções.

Ao me deparar na investigação dessa realidade, existem dois aspectos que necessitam ser discutidos, para entender os depoimentos dos assessores técnicos da SEMEC acerca da concepção filosófica e metodológica do sistema em ciclos de formação na RMEB e dos professores de Arte com o advento do ensino da música, a partir da Lei 11.769/2008, das escolhas metodológicas e as interfaces na perspectiva interdisciplinar– o que pretendo neste artigo, ainda que inicialmente dada à ampla abrangência dos dois aspectos, pontuo: 1 . O ensino da música na Rede Municipal de Ensino de Belém como elemento que emerge da cultura e 2 . Ciclos de Formação, Tema Gerador e Pedagogia de Projetos. Finalizo este artigo com reflexões acerca do ensino da música para os Ciclos de Formação.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 O ensino da música na Rede Municipal de Ensino de Belém como elemento que emerge da cultura

Compreender a música e sua manifestação como fenômeno cultural que propicia em sua forma artística o relacionamento do homem com outros seres e com a dimensão da vida em suas possibilidades fomentando transformações de expressividade em sua existência, tanto no campo individual, quanto no coletivo, significa perceber a música como “uma das formas de união do indivíduo com a realidade total da vida”

(LOUREIRO, 2002, p.29). Desta forma de união do indivíduo com a realidade total da vida, que está presente no homem, vem manifesto no íntimo da criação artística o desejo de satisfazer o sentimento do Belo que está em todos nós (LOUREIRO, 2012), recriando e imprimindo novas formas de realização através da capacidade de imaginar, propiciando vinculação do homem ao mundo através de uma ação espiritual e única.

Diante dessa compreensão do fenômeno musical, observo que as condições sociais interferem de maneira contundente nas respostas e produções artísticas de um grupo social. Merriam (1964) aborda e amplia a dimensão desta compreensão da música e do fazer musical como concepção e comportamento, corroborado, por Blacking (1974, p.2), segundo o qual:

A música tem por demais a ver com sentimentos e experiências humanas em sociedade, e seus padrões são, com muita frequência, o produto de explosões surpreendentes de cerebrações inconscientes para que se sujeite ela a regras arbitrárias tais como as dum jogo.

Em prosseguimento à compreensão deste fenômeno, Blacking (1974, p.20) continua a esclarecer que:

Podemos concordar que a música é o som que se organiza em padrões socialmente aceitos, que a prática musical pode ser vista como uma forma de comportamento que se adquire, e que os estilos musicais se baseiam no que o homem optou por seleccionar da natureza como parte de sua expressão cultural, em contraste com aquilo que a natureza impôs a ele.

Diante de tal concepção, emerge a percepção da dimensão contextual dos alunos, escolas e comunidades pertencentes à Rede Municipal de Ensino de Belém, no que tange às escolhas de metodologias, instrumentos, técnicas e materiais para o ensino da música. Pois, pelas dimensões geográficas consideráveis e atípicas já mencionadas, existem escolas que estão inseridas nas diversas ilhas, região insular, pertencentes a esta Rede de Ensino; com características, riquezas, sonoridades e historicidades peculiares a seus habitantes. Como também, escolas que estão inseridas em contextos urbanos bastante adversos uns dos outros, pois este município carrega e se insere com conotações de uma metrópole.

Considero imprescindível contínua reflexão e investigação para a apropriação de abordagens metodológicas que necessitam ser permeadas de sentidos e significados para o aluno, ou seja, relacionadas à vida real, tornando a exploração sonora e rítmica, estética e estilística um processo dialógico que transcende historicidade e criticidade (Queiroz, 2013).

Aqui, vale ressaltar a cultura “como ferramenta de ação social e não mais exclusivamente como expressão de subjetividades excepcionalmente dotadas de conhecimento, sensibilidade e, em certos casos, técnica”. Esta concepção “faz com que se amplie e diversifique consideravelmente o espectro de sujeitos e discursos

que reivindicam pertinência para falar de música” (ARAÚJO, 2011, p.4).

Tal concepção é fundamental se, como Queiroz (2013, p.121), entender-se que:

A educação musical que almejamos para a escola, como formadora de cultura, deve ser focada no sujeito, nos seus valores e nas suas formas de expressão, a partir das diferentes representações e significações da música como fenômeno social. Portanto, as perspectivas e ações educativo-musicais que concebemos para a escola contemporânea são calcadas em uma formação plena em música; em uma educação musical devotada ao ser humano, à sociedade, à cultura... à vida! (QUEIROZ, 2013, p.121)

Esta concepção de educação musical, que constrói cultura e ao mesmo tempo dela emerge, traz, enquanto fomento dos aspectos fundantes e conceituais, o diálogo de aproximação e enriquecimento nesta pesquisa, à compreensão da experiência estética da Arte/música como conceito que propicia e aponta um exercício reflexivo e catalisador das experiências imaginativas reais e individuais e ou coletivas, como processos em constância e latentes, no processo ensino aprendizagem e que se busca compreender na RMEB, encontrando e amparando seus fundamentos teórico-metodológicos em três aspectos inseridos na prática conceitual, histórica e dialética: Ciclos de Formação, Tema Gerador e Pedagogia de Projetos, e sobre os quais trato a seguir.

3 | CICLOS DE FORMAÇÃO, PEDAGOGIA DE PROJETOS E TEMA GERADOR.

“Ciclos de Formação” é uma forma de organização do ensino escolar adotada pela RMEB. Segundo Ferreira (2005, p. 82-83), nesta Rede,

O trabalho pedagógico nos ciclos de formação visa superar a lógica fragmentada do processo escolar e flexibilizar o tempo de aprendizagem, mudando os critérios de enturmação dos alunos, que se [dá] por faixa etária e não por série, sendo as atividades pensadas e organizadas a partir das vivências culturais, informações e características peculiares às fases do desenvolvimento dos educandos, não deixando de considerar, no entanto, que, mesmo em grupos organizados pela mesma faixa etária, existem diferentes ritmos e tempos de aprendizagem que devem ser respeitados. (FERREIRA 2005, p. 82-83)

Segundo Sousa (2012), “não é possível compreender os Ciclos de Formação sem ter uma visão do processo de desenvolvimento pelo qual passam todos os seres humanos”, pois é nesse processo bem articulado que Educação e Desenvolvimento Humano ganham sentido.

Diante desta imprescindência, a concepção teórica e metodológica dos Ciclos de Formação preconiza atuar na dimensão da peculiaridade e da individualidade do educando, apontando para a desconstrução da concepção de que todos aprendem no mesmo tempo como se todos fossem iguais, passando-se a considerar o lugar de aprendizado de cada um.

Para Sousa (2012), as teorias do Desenvolvimento Humano têm em sua

propriedade as perspectivas psicogenéticas de Jean Piaget e Henri Wallon, sociogenética e histórico-cultural de Vygotsky, como também a contribuição de outros teóricos na contemporaneidade para ampliação da compreensão do processo ensino aprendizagem.

As teorias que estão no cerne dessas perspectivas constituem as bases teórico-metodológicas dos Ciclos de Formação que preparam os professores da RMEB quanto à elaboração dos pressupostos e objetivos de aprendizagem em todos os anos e níveis da educação básica, através de processo contínuo de formação, como também nas áreas de conhecimento inseridas na matriz curricular.

Na concepção dos Ciclos de Formação, o conhecimento é compreendido como fenômeno em construção e reconstrução constantes, com a participação ativa dos sujeitos, sendo a mediação e a interação o mote para fortalecer a construção de aspectos socioculturais dinâmicos. Neste contexto, a cultura é constitutiva de processos de desenvolvimento e aprendizagem. Pois, segundo Arroyo (1999), esta percepção é o que consolida a concepção dos Ciclos de Formação, rompendo com a lógica da seriação que domina o ensino escolar ocidental, desde o século XIX.

Entretanto, além da compreensão dos pressupostos do Desenvolvimento Humano, os Ciclos de Formação, necessitam de outros elementos para a construção curricular, tais como a interdisciplinaridade, a educação ambiental e a inclusão social.

Para as áreas do conhecimento, faz-se importante compreender a organização em Ciclos de Formação para romper com a fragmentação do saber e expandir os tempos de aprendizagem/desenvolvimento. Para tanto, nos Ciclos de Formação, a ação dos educadores fundamentar-se-á em princípios bastante distintos no processo ensino aprendizagem, tais como:

1. O desenvolvimento é estabelecido de modo integrado, abrangendo todos os aspectos da vida humana (físico, perceptivo-motor, emocional, cognitivo e social).

Restringir-se ao aprendizado e ao domínio da leitura distorce o papel e a dimensão integral do educando, pois a aprendizagem é um processo múltiplo e concomitante ao desenvolvimento. Por isso, não é possível a construção do conhecimento com a ideia de encadeamento formal e fragmentação.

Entretanto, faz-se necessário ressaltar que a perspectiva de tempo de aprendizagem em sua totalidade e dimensão apregoada na concepção metodológica de Ciclos de Formação, ainda está esbarrando nesta RMEB como processo a ser conquistado.

Diante dessa condição, a proposição de Planos Pedagógicos de Apoio-PPA, Conselhos de Classe e o Horário Pedagógico, sendo este último um momento de troca de saberes mais específico aos professores, corroboram para uma visão focada nas necessidades e avanços dos educandos.

O uso de possibilidades interdisciplinares diversas para fomentar e ratificar o aprendizado não fragmentado deve estar associado às experiências de vida do educando. E, neste lugar, o jogo simbólico, a imitação, a brincadeira e o gestual

instigam a dar significados à realidade e propiciar o desenvolvimento das habilidades. Neste âmbito, o professor também deve propiciar a socialização das vivências, dos valores, das representações simbólicas da cultura e do conhecimento formal, garantindo nessa complexidade processual o construir e o reconstruir da realidade, apontando para o resguardo da memória coletiva.

2. O tempo e o ritmo de aprendizagem são diferentes em cada educando. Para tanto, a escola deve possibilitar tempos e ritmos mais flexíveis no processo de apropriação do conhecimento. O educador imbuído desta perspectiva e compreensão do processo do desenvolvimento e da aprendizagem do educando definirá as metodologias que fará uso em sua prática pedagógica, buscando assegurar e consolidar o aprendizado de modo a respeitar esses dois aspectos.

Diante de tal processo, a escola, dotada de autonomia para construção de seu Projeto Político Pedagógico, aponta, na concepção metodológica, o contemplar e o garantir da apropriação do conhecimento, a partir das diversas interfaces socioculturais nas quais está inserida. Para tanto, neste processo, as escolas da RMEB têm a propriedade de utilizar-se de linhas teóricas metodológicas que compreendem e dialogam com os pressupostos dos Ciclos de Formação: A Pedagogia de Projetos, tendo em John Dewey seu idealizador e o Tema Gerador idealizado por Paulo Freire.

Segundo Cunha (2005), a educação, para John Dewey, deve ser uma proposta experimental, tendo um problema a resolver, um mundo a descobrir. Sendo a educação um processo de vida, ela deve representar para o aluno e para o grupo de professores, a vida presente de modo real, ou seja, utilizando a Pedagogia de Projetos e suas etapas nos processos e procedimentos didáticos de modo que a dimensão social seja percebida na concretude do aprendizado, tendo nesta Pedagogia de Projetos uma forma de repensar a função social da escola, da sala de aula e suas complexidades.

Nessa dimensão, o professor necessita apresentar posturas reflexivas diante do conhecimento, partindo de concepções filosóficas da inexistência de coisas acabadas, sem verdades prontas; buscando uma atitude democrática e consensual que enfatize a importância da coletividade, dos princípios de liberdade e da possibilidade de contestação, apontando para um ideal democrático de gestão do conhecimento em todas as áreas do educando.

Entretanto, este processo prescinde da construção da autodisciplina pelos educandos. O alcance desta autodisciplina se dá através do interesse organizado por uma participação ativa, significativa e real para o sucesso do aprendizado, por meio de metas, atividades, tarefas definidas coletivamente por todos que compõem a ação pedagógica, vislumbrando uma educação democrática, em que não prescindem verdades prontas e eternas, mas momentâneas que podem ser respondidas pelo consenso dialógico de um coletivo, ou seja, contrapondo aspectos que em um contexto e ou ambiente autoritário isso não cabe.

Vale ressaltar que a liberdade e a disciplina são processos fundamentais na construção e consolidação do conhecimento, fortalecendo a perspectiva do interesse

a partir dos significados imputados a cada educando, estabelecendo a autoridade e regras em processos dialógicos indicando simulacros da vida em uma sociedade democrática.

Atribui-se também à concepção metodológica na Pedagogia de Projetos, ao fomento que a escola aponte em sua ambiência, como as comunidades científicas. Pois, a postura investigativa, contestadora, libertadora para o argumento fortalece o indivíduo em seu aprendizado.

Já no Tema Gerador (GADOTTI & ANTUNES, 2005), que tem as ideias concebidas e defendidas por Paulo Freire, busca-se problematizar as questões sociais. O Tema Gerador é uma proposta metodológica de trabalho pedagógico que está pautada em uma concepção crítica e socioantropológica, com perspectiva interdisciplinar e de aprendizado por aproximação, ou seja, o tema é o mote mobilizador do conhecimento e do aprendizado, sendo suscitado em momentos e tempos em que os processos dialógicos evidenciam-se em busca do desvelamento da realidade nas atividades propostas no espaço e cotidiano escolar.

Tem o princípio da promoção de um aprendizado global, fortalecendo a integração do conhecimento e a transformação social. O Tema Gerador deve operar de modo sistemático com três dimensões: realidade- saber popular/senso comum- conhecimento científico.

Tanto a equipe pedagógica, professores e conseqüentemente, família e educandos, devem estar cientes nos seus diversos níveis e atribuições, que a articulação dessas três dimensões precisa caminhar juntas, dentro e fora de sala de aula. Pois, uma complementar e elucidará a outra, tornando esclarecedora a realidade.

Diante desta percepção, três são as categorias de como o professor estabelece este aprendizado nos tempos e espaços escolares: a Investigação Temática, a Tematização e a Problematização (GADOTTI & ANTUNES, 2005).

Em continuidade aos desdobramentos da metodologia do Tema Gerador, o professor deve estimular a leitura de mundo nos educandos. Nesta leitura, é efetivada a aproximação daquilo que serve para si e para o outro e, fomenta, assim, a curiosidade e o interesse, bem como o compartilhar. Apresenta em sequência a reconstrução do mundo lido, ampliando o conhecimento com uma função emancipadora de vivência e transformação de mundo, sendo a educação uma prática de liberdade e reconhecimento da identidade através das múltiplas experiências individuais e coletivas.

Para tanto, o professor precisa compreender a potencialidade de uma educação dialógica e seus desdobramentos, perceber as ideias de mundo dos educandos, interpretá-las com suas diversidades e identidades, permeadas de questões que serão geradoras de um conhecimento com significados que transponham barreiras que insistem em distanciar realidade existencial dos conhecimentos já produzidos de maneira interdisciplinar e abrangente.

Portanto, ratifico a seguinte perspectiva: o conhecimento não é só lógico, epistemológico e histórico, ele é dialógico, fomentando autonomia intelectual para e pela cidadania (GADOTTI & ANTUNES, 2005).

4 | CONCLUSÃO

Como área de conhecimento, a Arte/música em sua amplitude e seu ensino têm como proposição na Concepção de Ciclos de Formação da RMEB as seguintes premissas:

Garantir ao educando experiências significativas nas diversas linguagens artísticas, sujeito que pela essência, comparece a este encontro- escola - com anseios, riquezas, afetos, frustrações, musicalidades e histórias únicas, das quais a Arte através de suas potências imagéticas, criativas, estéticas e emocionais apontam para o exercício da expressão, como possibilidade de solidez da experiência, envolvendo intelecto, emoção e sensibilidade.

Nesta dimensão, o documento oficial desta RMEB, preconiza de modo contundente tal assertiva:

O caráter em construção da disciplina Ensino da Arte, na RMEB, rompe concepções que vão em direção à primazia da técnica (formação do artista) ou do espontaneísmo (arte pura), tendo como foco a organização de um processo democrático de vivências a partir da configuração de um ambiente estimulante e desafiador que possibilite aos educandos – para todos e não somente para os mais talentosos, – a interação com situações de aprendizagem diversas que lhes proporcionem vivências e posse de saberes artísticos, críticos e estéticos para sua relação subjetiva com o mundo através de sua expressividade individual e/ou coletiva e, por conseguinte, maior inserção na sociedade. (DIRETRIZES CURRICULARES DO ENSINO FUNDAMENTAL, 2012 p.71).

Ao professor do ensino de Artes da RMEB, trabalhar sua habilitação específica de formação, elencar seus respectivos conteúdos significativos, objetivos de aprendizagem e métodos de avaliação em todos os ciclos de formação, com vistas a garantir aos educandos, durante o percurso escolar, projetos e trabalhos que inter-relacionem as demais linguagens artísticas e seus respectivos conteúdos, sem, contudo, apropriar-se de uma abordagem polivalente (PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM, 2012, p.27) impulsiona a observar a interdisciplinaridade como abordagem teórica e dialética em sua atuação docente, dialogando em busca da essência simbólica de afetos e liberdades indissociáveis propostas na concepção filosófica do processo ensino aprendizagem que Paulo Freire preconiza, através da abordagem metodológica do Tema Gerador, como também na Pedagogia de Projetos de John Dewey.

Desta forma, o ensino das Artes e, em desdobramento, o ensino da Música, devem estar inseridos e integrados no Projeto Político Pedagógico, fomentando e

compondo trabalho coletivo e interdisciplinar. Neste sentido, Figueiredo (2013, p.47) pontua: “a experiência musical pode ser desenvolvida a partir de diversos materiais e diversas metodologias que sejam flexíveis o suficiente para incluir todos os indivíduos, desenvolvendo sua própria musicalidade e ampliando sua visão de mundo”.

Neste sentido, faz-se necessário o aprimoramento da compreensão e da percepção das imbricações e interfaces em que o fenômeno musical como manifestação cultural está inserido na escola e, sendo esta também, o lugar de fomento das expressões humanas, e, ampliar de modo significativo, contextual e simbólico suas formas de ensinar música.

Tal aprendizagem diz respeito à possibilidade dos alunos desenvolverem um processo contínuo e cada vez mais complexo no domínio do conhecimento artístico e estético, seja no exercício do seu próprio processo criador, por meio das formas artísticas, seja no contato com obras de arte e com outras formas presentes nas culturas ou na natureza. O estudo, a análise e a apreciação das formas podem contribuir tanto para o processo pessoal de criação dos alunos como também para o conhecimento progressivo e significativo da função que a Arte desempenha nas culturas humanas. (DIRETRIZES CURRICULARES DO ENSINO FUNDAMENTAL, 2012 p.71)

E neste processo, o procedimento pedagógico apontará em partir das necessidades sentidas pelos alunos, em traduzi-las em problemas, em inventar soluções que serão verificadas na experiência real, na experiência ativa e dinâmica, o qual é a base para o processo artístico, para a experiência completa que inclui o fazer, o ver, o expressar. E, de modo inquietante sobrevêm: “Os inimigos do estético não são o prático e nem o intelectual. São a monotonia, a desatenção para com as pendências, a submissão às convenções na prática e no procedimento intelectual”. DEWEY, 2010 p.117.

A proposição de refletir inicialmente sobre aspectos em torno do ensino da música na RMEB remonta à pesquisa que ora desenvolvo sobre essa realidade e que aqui encontra indicativo de necessidade de aprofundamento teórico que diz respeito às interfaces críticas, políticas, históricas e metodológicas necessárias entre Tema Gerador e Pedagogia de Projetos, pois as duas concepções teórico-metodológicas amparam a compreensão e efetivação dos Ciclos de Formação na RMEB.

Entretanto, concomitante a todo esse processo de conquistas teóricas a serem consolidadas nesta pesquisa, faz-se premente ressaltar a necessidade de uma atitude coletiva de profundas mudanças conceituais para o ensino da música. E, um dos aspectos a priori é compreender que este processo ensino aprendizagem aponta como elemento que emerge da cultura em um processo contínuo de dialogicidade, para uma atuação respaldada e democrática na e para a educação de indivíduos repletos de subjetividades, historicidades e culturas.

REFERENCIAL

- ARAÚJO, Samuel. **Etnomusicologia e Debate público sobre a Música no Brasil Hoje: Polifonia ou Cacofonia?** Música e Cultura, vol. 6, 2011. Disponível em <<http://musicaecultura.abetmusica.org.br/artigos-06/MeC06-Samuel-Araujo.pdf>>.
- ARROYO, Miguel G. **Ciclos de desenvolvimento humano e formação de educadores.** Educação & Sociedade, Campinas, v. 20, n.68, p. 143-162, 1999.
- BLACKING, John. **How musical is man?** Seattle and London: University of Washington Press, 1974.
- BRASIL, Presidência da República. **Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.** Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm>. Acesso em: 01 dez. 2013.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas/** Peter Burke (org.); tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey.** [s.l.]: CEDIC - Centro Difusor de Cultura Ltda. ATTA mídia e educação, 2005. (Coleção Grandes Educadores)
- DEWEY, John. **Arte como experiência/** John Dewey; [organização Jo Ann Boydston; editora de texto: Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. –São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010. -(Coleção Todas as Artes).
- DIAS, Alder de Sousa. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **PRESENÇA DE PAULO FREIRE NA ESCOLA CABANA: REORIENTAÇÃO CURRICULAR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS** Revista e-Curriculum, São Paulo, n.11 v.03 set./dez. 2013, ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>.
- FERREIRA, Diana Lemes. **Políticas de formação docente do projeto Escola Cabana: dilemas e desafios da implementação do Programa de Formação Continuada.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação. Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.
- FIGUEIREDO, Sergio. **Currículo escolar e educação musical: uma análise das possibilidades e desafios para o ensino de música na escola brasileira na contemporaneidade.** InterMeio Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo Grande, MS, v.19, n. 37, A Universidade, 2013.
- GADOTTI, Moacir; ANTUNES, Ângela. **Paulo Freire.** [s.l.]: CEDIC - Centro Difusor de Cultura Ltda. ATTA mídia e educação, 2005. (Coleção Grandes Educadores)
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Elementos de estética.** 3. ed. rev. e ampl. Belém: EDUFPA, 2012.
- MERRIAN, Alan P. Social Behavior: **The Musician.** In: _____. **The Anthropology of Music.** Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1964.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias/** José Carlos Sebe B. Meihy e Suzana L. Salgado Ribeiro. – São Paulo: Contexto, 2011.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE BELÉM. **Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental.** Secretaria Municipal de Belém, 2012.
- PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino.** 2 ed.rev. e ampl.Porto Alegre:Sulina,2012.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. **Escola, cultura, diversidade e educação musical: diálogos da contemporaneidade.** InterMeio Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação. Campo Grande, MS, v.19, n. 37, A Universidade, 2013.

SOUSA, Iris Amaral de. **Ciclos em revista: como romper com as maneiras tradicionais de ensinar?** Organização Andréa Rosana Fetzner. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SOBRE A ORGANIZADORA

Giovanna Adriana Tavares Gomes - Doutorado em Performances Culturais pela UFG em andamento / 2019 - 2022, Mestrado Acadêmico na área das Ciências Sociais Aplicadas em Turismo e Hotelaria pela UNIVALI - SC (2007-2010) / CONCEITO CAPES 5 – Foco: Planejamento Participativo e desenvolvimento de base local, Especialista em Gestão em Turismo e Hotelaria pela Faculdade Lions - GO (2004-2005), Bacharel em Turismo pela Faculdade Cambury - GO (2003), MBA Executivo em Coaching, (2018) na Faculdade Cândido Mendes. cursando atualmente: Especialização em Administração do Setor Público, Especialização em Administração em Marketing de Serviços e Social e MBA em Gestão de Projetos (previsão de término dezembro 2019 - Faculdade Faveni). Atua na área de Pesquisa aplicada como pesquisadora em diversas áreas do mercado: Turismo, hotelaria, eventos, pesquisa censitária, gestão comercial e de negócios, sendo atualmente Professora Universitária na Faculdade Cambury nos cursos de Eventos e Gestão Comercial e na Coordenação Geral do evento institucional Círculo do Conhecimento desde 2015. Membro da ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. É servidora pública do Estado de Goiás na Área Técnica da Agência Estadual de Turismo - GOIÁS TURISMO - Coordenadora do OBSERVATÓRIO DO TURISMO DO ESTADO DE GOIÁS. Presidente da ABBTUR - GO / Associação Brasileira de Turismólogos(as) e Profissionais de Turismo - Seccional Goiás. Atuou como: Professora do MBA em Promoção e Gestão de Eventos na disciplina: Planejamento e Coordenação de Eventos e Orientação de TCC pelo IESB – Instituto de Educação Superior de Brasília, Professora no IF Goiano - EAD no curso de Eventos, Professora na Faculdade Lions de (2013 a 2016) nos cursos de Turismo, Hotelaria e Administração; Faculdade de Tecnologia SENAC – Goiás (De 2007 a 2014) na Elaboração de projetos, coordenação e docência na Pós Graduação em Gestão de Empreendimentos Turísticos e Eventos e no Curso superior de Gestão de Turismo (ênfase em eventos) e somente como docente nos cursos de: Gestão Comercial, Gestão Ambiental, Gestão da Tecnologia da Informação e Produção Multimídia. Possui vasta experiência em disciplinas nas áreas de gestão (Planejamento Estratégico e Empreendedorismo), eventos, turismo, hotelaria, pesquisa, metodologia e atividades de campo/visitas técnicas. Consultora da ONG Araucária - Organização Pró-Desenvolvimento Integrado Sustentável desde 2010, cuja atuação é na área de planejamento e desenvolvimento em turismo, com experiência em elaboração e execução de projetos para MTur, Governo do Estado de Santa Catarina, Prefeituras Municipais e setor privado. Consultora da PDCA desde 2013 - Assessoria e Treinamento: Turismo, Hospitalidade e Eventos.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ansiedade 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 263, 264
Aritmetização em teoria musical 135
Arte brasileira 128
Arte contemporânea 76, 77, 80, 81, 118, 121, 124, 215, 216
Ator 16, 28, 31, 55, 56, 97, 105, 111, 112, 116, 124, 263
Auto de Inês Pereira 6, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 19, 20, 22
Avaliar 86, 111, 113, 129, 141, 142

B

Banda de música 1, 2, 268

C

Cena 20, 23, 27, 29, 30, 31, 50, 55, 57, 61, 66, 67, 68, 69, 72, 73, 75, 100, 103, 104, 106, 107, 109, 115, 116, 118, 200, 249, 250
Cênico 24, 25, 31, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 196
Clarineta 1, 2, 3, 4, 8, 9, 28, 188
Coral 28, 30, 31, 32, 37, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 277
Coreografia social 45
Corpomídia 45, 46, 49, 51, 52
Cultura escolar 33, 34, 44

D

Dança 23, 24, 41, 43, 50, 99, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 179, 212, 244, 245, 246, 249, 250, 254
Diários 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93
Dramaturgia 10, 23, 24, 31, 56, 57, 73, 198

E

Elo entre as artes 147
Empreendimento turístico 165, 166, 172
Ensino de música 33, 39, 69, 163

F

Formação de professores 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 75

G

Gestualidade 55, 220
Gil Vicente 6, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 19, 20, 21
Goandira do couto 165, 168
Grotesco 55, 56, 58, 59, 60, 61, 65, 66

H

Henry Klosé 1, 2

Histeria 55, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65

História 8, 13, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 50, 51, 52, 54, 56, 58, 62, 63, 65, 80, 83, 85, 86, 88, 92, 93, 97, 98, 105, 106, 107, 108, 124, 125, 135, 136, 144, 145, 154, 155, 163, 166, 167, 175, 176, 190, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 207, 211, 212, 214, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 254, 265, 266, 277

I

Identidade 52, 53, 83, 84, 86, 88, 92, 160, 202

Imagem 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 26, 45, 46, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 80, 88, 112, 117, 118, 119, 124, 125, 126, 127, 128, 149, 151, 168, 205, 209, 226, 238, 245

Improvisação 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114

J

Joaquim Naegele 1, 2, 3, 7

Jogo teatral 94, 112

L

Literatura portuguesa 10

M

Machismo 45, 46, 49, 51

Metalinguagem 147, 203

Metodologias 78, 80, 153, 156, 159, 162, 184

Método para clarineta 1

Mitologia 23, 25

Motivação 110, 129, 130, 131, 133, 183, 188

Mudanças conceituais 135, 162

Museu 44, 80, 165, 166, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 215

Música 1, 2, 3, 8, 9, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 67, 68, 69, 73, 75, 99, 103, 116, 129, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 163, 179, 180, 181, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 194, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 223, 229, 234, 256, 257, 258, 259, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 275, 276, 277, 278

Música na história 135

N

Número em música teórica 135, 137, 138, 139

P

Palco e seus problemas 178

Pânico na performance musical 178

Patriarcalismo 45, 46, 49
Poesia moçambicana 147
Preconceito de gênero 45
Preparação de uma obra musical 178, 185
Processo criativo 94, 96, 97, 113, 114, 121, 122

R

Relação matemática 135

S

Shoá 83, 84, 85, 89, 91, 92

T

Teatro 10, 16, 21, 23, 32, 41, 43, 45, 51, 55, 56, 58, 61, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 179, 190, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 254, 272

Teorias de razão 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143

Turismo 165, 166, 167, 168, 172, 173, 176, 177, 279

U

Universidade 1, 10, 21, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 44, 45, 52, 53, 54, 55, 67, 69, 75, 76, 79, 81, 94, 101, 111, 134, 135, 163, 164, 165, 168, 188, 190, 198, 199, 212, 214, 222, 234, 235, 236, 267, 269, 275, 277

V

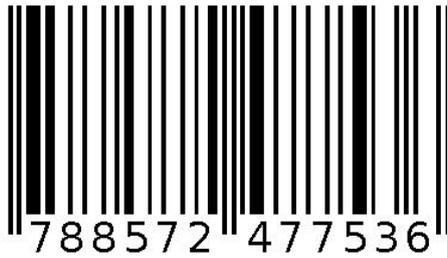
Violência contra a mulher 45, 48, 52, 54

Virgílio de Lemos 147

X

Xilogravura 10, 12, 13, 14, 18, 19, 21, 22

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-753-6



9 788572 477536